

# **SIGNOS DE PERCEPÇÃO, RESTOS INDIZÍVEIS E MEMÓRIA: A FANTASIA E A ELABORAÇÃO NA EXPERIÊNCIA CLÍNICA**

*Francisco Ramos de Farias*

## **1 – Acerca da noção de fantasia**

A fantasia, os signos de percepção e a memória ocupam um lugar de destaque na produção de saber que acontece por intermédio de uma análise, no início e no final, especialmente considerando os operadores que permitem articular a fantasia ao desejo e ao gozo. Situando a temática em questão é preciso situar o contexto em que a fantasia foi descoberta. A fantasia adveio da reticência das histéricas, mas uma reticência reveladora de algo da ordem de uma experiência sexual. Foi através da palavra da histérica acerca de seu sintoma que foi possível observar a estreita relação entre a fantasia e vida sexual. Aliás, sintoma e fantasia já assumem nos primórdios do pensamento freudiano uma relação estreita com a sexualidade: os sintomas são a atividade sexual do neurótico. Colocar a fantasia no seio da experiência analítica é estabelecer um diferencial em relação a outras modalidades clínicas, mas somente pode-se ter a fantasia como o leme dessa experiência quando se trabalha com o conceito de castração. Considerando que a fantasia se antepõe ao desejo para não haver encontro com o absoluto, uma análise pode ser concebida como o percurso que convoca o sujeito a realizar a travessia da fantasia.

Rastreando o texto freudiano, constatamos que a palavra da histérica levou Freud (1986) à fantasia conforme aparece já nas cartas a Fliess onde a fantasia é postulada como tendo uma função na vida anímica, sendo também responsável pela formação do sintoma. Em primeiro lugar, o conceito foi extraído dos relatos acerca da vida sexual dos pacientes. Em seguida, aparece como aquilo que vai dar eficácia ao trauma, ou seja, a fantasia explica o trauma ao invés do atentado sexual. Enfim, relaciona-se à função paterna. A imposição da

fantasia na experiência analítica tira todo o crédito da teoria da sedução, no exato momento em que houve a substituição do evento traumático pensado como um fato para a fantasia que é apresentada como uma fantasia de sedução, tomada pelo sujeito como algo que se opõe às lembranças de uma atividade autoerótica. Assim, conclui-se que: a) A fantasia tem função de causa do sintoma, pois ao ser a fachada frente a uma lembrança de uma experiência sexual, sofre o mesmo destino da lembrança: sucumbe ao recalque tomando parte na formação do sintoma; b) A fantasia implica uma modalidade de gozo pelo sintoma. A fantasia encontra-se no texto freudiano como algo que atravessa o pólo da satisfação erótica até a dimensão da o desejo insatisfeito, onde o gozo da fantasia é descoberto em um sujeito que dela se exclui. É próprio de o desejo ser sempre insatisfeito devido à falha constitutiva no ser e, c) A fantasia serve de suporte ao desejo e à realidade. Sobre esse último ponto, é pertinente fazer uma consideração. Nos primórdios, para o sujeito não há separação entre o desejo e a realidade. É a fantasia quem ordena a realidade na medida em que a realidade é a montagem do simbólico e do imaginário. No centro da montagem chamada de realidade humana, encontra-se o desejo tomado por Lacan (1966-1967), em *A lógica da Fantasia*, como a “essência da realidade”.

## **2 – O lugar da fantasia na clínica**

Se nas primeiras formulações de seu pensamento, Freud acreditava numa origem factual para explicar a formação do núcleo patógeno, não tardou muito, teve de se render às evidências colocadas pela histórica como expressa numa carta a Fliess em que admitiu “não acreditar mais em sua neurótica” (FREUD, 1986). A descrença de Freud significa que os relatos trazidos pelos pacientes tem de ser considerados como fantasias carregadas de desejo. Foi por essa via que chegamos ao texto *Bate-se numa Criança*.

Em primeiro lugar, cabe destacar que a clínica já tinha evidenciado para Freud (1919/1976) que nem tudo é simbolizável, ou seja, nem tudo é interpretável. Quer dizer, um mais além já se insinuava como o que vai parecer no ano seguinte como a hipótese da pulsão de morte. Aqui, podemos destacar outro ponto importante do retorno de Lacan que ao reler o *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920/1976), introduziu o conceito de gozo. Vinculado à compulsão a repetição como um mais além ligado à pulsão de morte, o gozo é algo que escapa à linguagem, ou seja, é um excesso que está fora da rede significante, sendo o absoluto ao qual o desejo aponta. Já o desejo, como a verdade do sujeito, aparece ligado a um princípio homeostático. Quer dizer, é pensado em termos da ligação referido à pulsão sexual. No tocante ao que se encontra desligado, temos um excesso decorrente da fatura do trauma, que diz respeito ao gozo, não sendo capturável na rede de significantes. Para pensarmos a dinâmica da fantasia na relação com o gozo nos valem da contribuição de Jacques-Alain Miller (1984) sobre o sintoma e a fantasia para, a partir de sua leitura, pensar os três tempos da fantasia propostos em *Bate-se numa Criança*. Este texto pode ser considerado o momento em que foi concedido à fantasia um tratamento lógico em que em que os três momentos se sucedem e se reportam a circunstâncias distintas. No primeiro tempo, temos a seguinte frase: “um adulto (meu pai) bate numa criança (irmão) que detesto”, o que é para Freud (1919/1976) a fase consciente da fantasia relacionada ao ciúme edípico. Não teria nem uma conotação sádica, nem masoquista, uma vez que não é a criança quem bate ou apanha. Seria tão somente uma espécie de ódio dirigido ao novo pólo de atração do carinho paterno. No segundo tempo, há uma mudança radical a respeito de quem é espancado visto ser o próprio sujeito quem recebe o castigo, o que é formulado nesses termos: “meu pai me espanca”. Esta é a fase inconsciente, pois não surge como uma lembrança, e sim como uma construção lógica no decorrer da análise.

Quer dizer, estamos diante de uma necessidade lógica em função da referência ao tempo do recalque, o que pode ser considerado como a origem do masoquismo, ponto que nos faz pensar na questão do gozo. No terceiro momento, temos “uma criança é espancada” como a formulação impessoal, sem sujeito. A fórmula aponta para o sadismo, mas o tipo de satisfação é masoquista. Disso podemos tecer algumas considerações: a) há uma analogia entre o primeiro e o terceiro tempo, mas no terceiro algo se apresenta de forma indeterminada. Ou seja, algo ocorreu para que a criança a ser castigada fosse substituída por outra mais indefinida; b) No primeiro momento, temos a agressão com que o sujeito espera eliminar aquele que odeia, mas não podemos falar de uma atitude sádica, pois como Freud afirma não há nesse caso um verdadeiro prazer na dor, condição necessária para o sadismo, nem também é a criança quem executa a ação. Podemos dizer somente que apareceu um outro rival capaz de tirar o amor do sujeito e por isso há somente o desejo de eliminá-lo. Ou seja, com esse ódio, o sujeito resguarda com sua atitude a intenção de ser único no amor do pai; c) Esse desejo põe em cena as primeiras evidências do sentimento de culpa, colocando o sujeito em condição de sofrer pelo desejo do passado, quer dizer, o ódio contra o rival, faz o sujeito sofrer. Daí a virada para o segundo momento em que o sujeito se coloca na posição de merecer ser castigado pelo pai. A posição da criança é “mereço esse castigo” e isso me dá prazer; d) O prazer em ser castigado pelo pai é a decorrência do recalque sobre o desejo edípico o que favorece a troca do amor declarado pelo castigo que aparece na formulação da fantasia. A possibilidade de aparecimento do masoquismo nos permite entender a gênese da sexualidade, tendo-se assim o resquício da elaboração freudiana das cenas de sedução; e) O sujeito infere, a partir de suas próprias experiências de sofrimento, o que ocorreu com o objeto a ponto de traçar uma articulação entre agressão e dor. Isso faz a reversão do processo em que uma agressão ao outro é substituída por uma agressão

recebida. Eis a sexualidade pensada num movimento reflexivo. É nesse momento que o sujeito se encontra na posição de saber do prazer através da dor. A busca pelo sujeito do objeto que o maltrate configura a tendência masoquista e f) A fantasia “meu pai me espanca” indica a sexualidade (masoquismo) e enfatiza o conflito que conduz ao recalque produzindo a solução de compromisso que aparece no terceiro momento “uma criança é espancada”, o que se desdobra como alternativa do gozo derivado da posição masoquista do segundo momento em função da excitação sexual que teve lugar. Nesse terceiro momento, o ser mais ou menos anônimo que castiga é um substituto paterno.

Assim, podemos concluir que uma criança é espancada é a posição de “não sei mais” da fantasia, o que evidencia o lugar da fantasia como axioma: não se trata de uma reticência do sujeito e sim da falta de palavras e do saber frente à castração do Outro. É neste ponto de falta de saber que se aloja, como um resto totalmente resistente que é a dimensão real da fantasia. Enquanto resíduo estático e sem possibilidades de modificações, a fantasia torna-se o elemento mais resistente a ser atravessado pela análise, mas é o que possibilita interpretar o sintoma, convertendo-se num índice de significação absoluta da verdade do sofrimento sintomático. Vemos assim retomadas as conseqüências que o abandono da teoria da sedução acarretou quando a fantasia passou a ser o único critério de verdade para abordar o desejo. Quer dizer, desejo e verdade são isomórficos à função da fantasia. Por essa razão, análise e travessia da fantasia tornam-se praticamente equivalentes, o que requer colocar em pauta a questão da ética. Enquanto que para Freud toda análise termina num impasse, quando esbarra nos limites impostos pelo rochedo da castração, a descoberta do objeto *a* como resto não especularizável impôs a Lacan o passe, quer dizer dar um passo a mais em relação ao impasse da análise interminável.

### 3 – Desejo e gozo

A fantasia participa do processo de formação do sintoma, vincula-se ao saber e ao gozo, pois há um saber inconsciente colocado em jogo pelo sintoma, e há um gozo pelo sintoma, que implica a suspensão de palavra e a exclusão desse saber. Sendo assim, o sintoma apresenta as seguintes características: 1) como o sujeito fala de seu sofrimento; 2) nesse “como fala” está pronto em que a fala falha: aquilo que o sujeito não sabe dizer bem; 3) há sempre uma teoria do sujeito quando se dispõe a falar através do sintoma. Se o sujeito não tem uma teoria sobre o sintoma, não há análise e 4) A teoria acerca do sintoma já é uma elaboração do sujeito endereçada a alguém. No caso, ao analista. Sendo assim, na experiência analítica, o analista faz parte do sintoma do sujeito, pela transferência. Nesse sentido, tendo, de um lado, o sintoma, como fórmula de gozo, e a fantasia de outro, pode-se admitir que a fantasia corresponde a esse momento no qual o sujeito se faz de objeto de uma encenação que ele próprio monta. Em outras palavras: trata-se de um tipo de identificação onde o sujeito se identifica ao objeto perdido. Por isso, a fantasia articula uma conjunção do sujeito com o objeto perdido. Se tomarmos a fórmula da fantasia de Lacan, podemos dizer que a fantasia é o sujeito feito objeto. A experiência mostra que o sujeito se queixa daquilo com que goza. Mas o benefício causado pelo sofrimento do sintoma é de um tipo diferente daquele produzido pela fantasia. Assim, temos duas modalidades de gozos: o gozo extraído da fantasia como prazer, o obtido do sintoma como desprazer, o que aparece na experiência clínica como a reação terapêutica negativa. A função do gozo enganchada à fantasia é o que permite a Freud (1920/1976) dar ao masoquismo primordial e a pulsão de morte um lugar específico na teoria e na clínica psicanalítica, ao tornar distintos gozo e prazer, em *O problema econômico do masoquismo*. O que Freud vai revelando são os impasses da clínica em relação à compulsão a repetição. É interessante pensar na

articulação entre o sintoma e a fantasia para destacar a importância da fantasia junto ao sintoma, frente aos impasses que surgem no decorrer de uma análise. Em princípio, a função da fantasia é alimentar o sintoma, sendo por isso mesmo um fator de inércia que na análise opera como tendo uma função resistencial. Certamente, durante uma análise ocorrem mudanças, mas necessariamente não são da ordem de uma virada subjetiva. Há algumas delas que somente indicam mudanças do sujeito no tratamento do sintoma, mas que não tocam a inércia da fantasia. Esta sim acompanha toda análise.

## **6 – A fantasia na experiência psicanalítica**

Para a psicanálise, a fantasia não tem outra função que é a de temperar o gozo: a fantasia conduz o gozo ao princípio do prazer, exatamente como um limite ao gozo. Esta operação não se realiza sem resto. O objeto *a* é o nome pelo qual se designa o resíduo que provém do que Freud denomina o *para além*: o objeto *a* representa o resto onde se refugia o gozo que não se encontra no âmbito do princípio do prazer. O gozo no ensino de Lacan se define como o real do simbólico na medida em que é o eco da representação, ou seja, o gozo é aquilo a que a fantasia remete como sendo da ordem de um vazio. Quer dizer, trata-se de um vazio excluído para fora do significante. Esse vazio é constitutivo de não ser nada, pois, como a morte, o gozo também é da ordem do irrepresentável.

A repetição do gozo presentifica o real como instância sensível na clínica. Nesse ponto exato da prática clínica, Lacan afirma que nem tudo na cura depende do simbólico, quer dizer, da interpretação significante. Com isso, empreende a recuperação na experiência analítica da consideração do real como o nome daquilo que excede ao significante. Por esse caminho é colocada uma questão crucial da análise: como obter, no processo da cura, os efeitos sobre o que está excluído, num campo onde se opera a partir da palavra e da

linguagem? Quer dizer, como fazer operar com o real a partir do simbólico? Ou, como agir com a linguagem sobre o gozo que ex-siste fora da linguagem? Assim, podemos concluir que: a) em uma análise, segundo Cottet (1989), a fantasia resiste ao saber produzido pela interpretação, mas por um efeito de sentido, torna o sintoma interpretável. Desse modo, há o retorno à clínica daquilo o que é repellido para fora dos limites do analisável, ou seja, a inércia do real. Sendo assim, o final da análise é além da fantasia, precisamente porque o final da análise tem o valor de um anteparo da fantasia que é ao mesmo tempo anteparo ao desejo; b) O que uma clínica que coloca a fantasia no seu âmago, pode fazer é extrair o objeto encoberto, ou seja, recolher o objeto destacado pelo corte significante, que tem lugar na interpretação. É esse o destacamento que vamos encontrar na posição do analista no lugar o objeto *a*. No final da análise, tem-se a inversão da fórmula  $S$  barrado punção de *a* para *a* remetido a  $S$  barrado. Quer dizer, são os mesmos termos, porém em posições diferentes, ou seja, o analista enquanto semblante do objeto *a* e, c) Os operadores pelos quais podemos articular a fantasia ao desejo e ao gozo é o que aparece no ensino de Lacan como objeto *a*. Isso nos leva a pensar que a travessia da fantasia articula-se ao trabalho de construção em análise. É como uma construção lógica obtida da operação analítica que o destacamento da fantasia fundamental permite o remanejamento da posição ocupada pelo sujeito face ao objeto de sua fantasia. A esse respeito podemos admitir que: a fantasia, no início de uma análise, respondia com certeza à errância do desejo e ao enigma do sintoma, a construção em análise da fantasia fundamental produz no sujeito uma inevitável decepção, quando toma ciência de que há gozo do Outro, a realidade constituída como uma série de fenômenos estruturados pela fantasia atrai a abertura subjetiva e reserva para o sujeito um acesso ao gozo e, o sujeito no final de uma análise se encontra destituído do lugar onde, na



fantasia, se sustentava para fazer face à carência de seu desejo. Essa destituição subjetiva acompanha o descolamento do objeto no final da cura.

## **BIBLIOGRAFIA**

COTTET, S. **Freud e o desejo do psicanalista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

FREUD, S. Carta de 21 de setembro de 1897 In: MASSON, J. M. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess. 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

\_\_\_\_\_ Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais (1919) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_ Além do princípio do prazer (1920) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LACAN, J. **La logique du fantasme. Séminaire 1966-67**. (inédito).

MILLER, J-A. **Dos dimensiones clinicas: sintoma e fantasia**. Buenos Aires: Manantial, 1984.

## **SOBRE O AUTOR:**

**Francisco Ramos de Farias**. Médico, psiquiatra, psicanalista, mestrando em psicanálise UERJ, membro do Corpo freudiano Escola de Psicanálise Seção São Luís.